PET Indígena
19 de agosto de 2020 · 🌐

Boa tarde a todos, meu nome é Dalson dos Santos, tenho 35 anos, sou da etnia Karipuna, sou graduado pela Universidade Federal do Amapá no Curso de Licenciatura Intercultural Indígena, agora eu estou fazendo a pós-graduação, também pela Universidade Federal do Amapá, no Curso de Estudos Culturais e Políticas Públicas. Vou falar um pouco dessa doença que hoje atingiu o mundo todo e a gente tem um pouco de dó de falar, nós, como liderança indígena, representando 57 aldeias, a gente fica um pouco triste sobre o que aconteceu, mas estamos aqui para dialogar, conversar, falar um pouco da nossa história.
Enfrentar essa pandemia, para nós, lideranças, foi um pouco difícil, principalmente eu, que fiz uma cirurgia no mês de março, cirurgia da vista, do olho do lado direito. Logo que cheguei ouvi no jornal a situação dessa doença, que muita gente estava morrendo. A gente logo pensou em organizar a nossa comunidade, a gente tem um ramal, um ramal de 6 KM, da BR-156 até a aldeia Manga. No início do ramal é o Km-18, lá tem um Centro de Formação, no Km-18 tem uma guarita e um portão que dá acesso a nossa Terra Indígena Uaçá. No Centro de Formação do Km-18 a gente trabalha com o CCPIO, eu sou Coordenador do CCPIO, que quer dizer Conselho de Caciques dos Povos Indígenas de Oiapoque. Eu também sou coordenador da AIKA, que é a Associação do Povo Indígena Karipuna.
Com essa doença a gente sofreu muito, o impacto foi muito grande dentro da terra indígena, principalmente da minha aldeia, do Manga, que fica apenas 24 Km da cidade do Oiapoque. Então, quando coronavírus chegou na minha comunidade todo mundo ficou desesperado, montamos logo regras rígidas dentro da nossa comunidade, só podia ir uma família para fazer compras nos comércios que tem dentro da aldeia, tudo de máscara... Todo dia a gente ia para o Km-18, eu e o Cacique Gilberto Iaparrá, junto com o professor Rosinaldo, Josieldo, Eudely, Priscila, nós tínhamos uma equipe para atuar contra o coronavírus.
Da nossa equipe o primeiro que adoeceu fui eu. A gente estava em casa e comecei a sentir uma gripe, uma gripe forte, aquela dor no peito, dor de cabeça, febre, mas eu não desanimei, eu fiquei firme e forte olhando a minha família. Eu moro com os meus avós e os meus avós são idosos, eu fiquei com muito medo porque eu estava todo dia no Km-18, na barreira sanitária que a gente montou, todos os dias a gente estava lá, recebia as pessoas, com isso a gente estava cada vez mais ficando doente...
A doença chegou assim, meio crítica na nossa comunidade. Eu posso dizer que quando eu peguei essa doença, o coronavírus, eu fiquei muito acabado mesmo, eu senti muita dor na cabeça, no peito, eu senti falta de ar, pensei até que iria morrer. Quando eu ia dormir não conseguia dormir, ficava sentado na cama, rezava para Deus me livrar dessa doença. Eu sentia os sintomas, mas eu não fiz o teste logo, eu tomava remédios, tomava paracetamol, nimesulida para ver se eu melhorava mais... Aí, nisso, foi cada vez agravando em mim e eu todo dia indo de máscara para o Km-18, começava a tossir perto dos parceiros lá, mas sempre de máscara, aí foi que eu não aguentei e falei para o Cacique Gilberto:
- Eu não aguento mais, eu vou me retirar do grupo e permanecer em casa que eu estou com muita falta de ar!
Teve um dia que eu cheguei em casa a tarde e falei para a minha esposa que eu não estava aguentando mais a falta de ar, já estava muito forte, que eu precisava ir ao hospital. Aí eu fui, o Doutor Rafael me atendeu, junto com a enfermeira Jô. Ele logo me colocou como suspeita de coronavírus, não fiz o teste, eu fui fazer o teste em Macapá. Quando eu cheguei em Macapá eu fiz o teste, e testou a doença já depois de 15 dias que já tinha passado os sintomas, mas aí eu sofri muito, minha família toda pegou, meu avô, minha avó, graças a Deus não pegou forte neles e a gente foi se tratando com chá, caferana, alho, limão, mel e tudo que eles ensinavam para a gente. A gente se cuidava mas a gente já não sentia nem gosto da comida, nem cheiro, perdi o paladar, perdi o olfato, tudo isso foi acontecendo comigo dentro da minha aldeia, então a gente sofreu muito.
Logo depois o Cacique Gilberto passou ruim também. Eu ficava sempre orientando o meu avô, minha avó, minha esposa, meus filhos, dizendo que essa doença iria passar, que era para tomar nossos remédios. Esses remédios são ruins, muito amargos, mas assim mesmo a gente tomava. Com isso foi tudo melhorando, eu sempre falando para a gente não desistir e se alimentar, porque a doença não queria que a gente se alimentasse, mas se não se alimentar fica cada vez mais fraco. A gente tentava comer o pouco que a gente podia, sem sentir gosto, sem sentir cheiro, era difícil. Meu avô doente, minha avó doente, minha esposa doente, isso foi aumentando a preocupação em casa, o desespero.
No meio disso tudo ficou difícil lidar com os parentes, com os nossos parentes indígenas que não aceitavam e queriam voltar para a cidade. A gente controlava o portão, regulava os horários, regulava a saída, a entrada, para ninguém sair mas vinham as críticas em cima da gente, e a gente lá, aguentando, até hoje né, ainda é assim. Agora, graças a Deus, estamos melhor, mas foi difícil, muito difícil para a gente que é liderança ficar lá na frente, e todas as aldeias queriam ir para a cidade. Fizemos vários projetos pelo Iepé, AMIM e pela "AIKA", conseguimos várias ajudas de parceiros, da FUNAI também. Assim a gente conseguiu minimizar um pouco a questão da saída do Km-18.
Mas foi ficando difícil, cada vez mais difícil, cada pessoa da nossa equipe foi adoecendo, e a nossa equipe foi diminuindo, até que, no final, ficou só o Eldely e o professor Rosinaldo, vice cacique da Aldeia Manga. Eles ficaram até o final e a gente teve que se afastar, mas sempre orientando nosso povo, nossa comunidade, dizendo que a COVID não é uma doença que se brinca, ela veio para acabar com todo mundo, porque ela não escolhe classe, se é rico, pobre, classe média, classe baixa, índio, preto, branco. Ela veio para destruir mesmo e, graças a Deus, nós, da Aldeia Manga, conseguimos minimizar os efeitos dessa doença.
Foi difícil, para nós lideranças, enfrentar essa Covid-19. Logo nos primeiros casos que surgiram nossa comunidade ficou preocupada, encaminhamos vários documentos pedindo apoio dos bombeiros, pedindo apoio da Secretária dos Povos Indígenas, que é a professora Eclemilda", da FUNAI, na pessoa do João Vilhena e da Maria Alice, que sempre nós representaram muito bem e conseguiram mandar medicamentos para a gente, mandar fazer uma limpeza geral nos locais públicos da comunidade.
Perdemos três pessoas da nossa comunidade, mas graças a Deus conseguimos minimizar essa doença dentro da nossa comunidade. A gente trabalha com 57 aldeias e não é fácil um cacique chegar em todas. Quando uma pessoa chegava pedindo autorização para sair, para ir na cidade, a gente não autorizava, infelizmente, a gente não podia fazer isso. A gente conseguiu aguentar 60 dias sem a doença entrar na aldeia, mas quando entrou, entrou para destruir tudo e foi muito difícil para nós, principalmente essa falta de ar que dava na gente, quando ela me pegava, ela só faltava me sufocar muito, pedia a Deus que me ajudasse para que eu superasse e conduzisse o meu povo para superar essa doença, e eu me cuidei muito, fiquei em repouso mais de 15 dias, fiquei isolado na minha casa, só eu e meus familiares, só saiam para comprar alguma coisa no comércio.
Na minha aldeia o Cacique implementou uma lei que a gente só poderia sair se fosse de máscara, então foi ruim esse tempo que passamos doentes, março e abril foram tempos difíceis mesmo, mas maio foi ainda mais ruim, a gente sofreu muito, principalmente nós liderança, porque tinha a doença e também tinha a pressão dos parentes. Mas nós estávamos com a cabeça fria, erguida, nós não desistimos de proteger o nosso povo. A gente tinha que tomar essa decisão de bloquear a saída para a cidade, era uma forma de defender e proteger o nosso povo da doença.
Graças a Deus deu tudo certo, agradeço os projetos, os apoios, as parcerias para proteger o povo. Nós, lideranças, estamos para isso, para lutar pelo nosso povo, defender no que for possível para a melhoria dos Povos Indígenas do Oiapoque. Nesse momento estamos tentando organizar a casa, como diz o não indígena, tentando articular as nossas reuniões para ajudar o nosso povo, para a gente melhorar e ter uma boa educação, uma saúde de qualidade. Gostaria de agradecer a todos os caciques que contribuíram com a gente na barreira sanitária do Km-18, ao meu Cacique Joselito gostaria de dizer que ele foi um guerreiro, ficou com a gente até o fim, ele e a família adoeceram e ele se afastou. Então é isso, deixo aqui meu relato, foi essa situação que nós passamos nesses meses de pandemia e agora estamos tentando organizar. O CCPIO está ali, no Km-18, para o diálogo. Eu e o Cacique Gilberto estamos à disposição para todos que chegarem, continuamos fechados, não permitimos a entrada de ninguém, só os indígenas que vão lá na cidade rapidinho, com aquela regra de chegar e voltar. Eu, como coordenador do CCPIO, só tenho a agradecer aos Caciques que conseguiram controlar na sua aldeia, mesmo com tanta dificuldade, e o meu muito obrigado e um grande abraço a todos!

Aldeia Manga, Terra Indígena Uaçá, Oiapoque, Amapá, Brasil
13 de agosto de 2020

Relato recebido em áudio e transcrito por Danilo Cavalcante de Souza

#OPETNãoPara #PetIndígena #MobilizaPET #CampusBinacional #Oiapoque #CLII #LicenciaturaIndígena #FalaParente #vidasindigenasimportam

Salut à tous, je m'appelle Dalson dos Santos, j'ai 35 ans, je suis de l'ethnie Karipuna, je suis diplômé de l'Université Fédérale d'Amapá dans le cours de Diplôme Interculturel Indigène, maintenant je fais un cours de troisième cycle, également dans l'Université Fédérale d'Amapá, dans le cadre des études culturelles et politiques publiques. Je vais parler un peu de cette maladie qui frappe aujourd'hui le monde entier et nous sommes un peu désolés de parler, nous, en tant que dirigeants indigènes, représentant 57 villages, nous sommes un peu tristes de ce qui s'est passé, mais nous sommes ici pour dialoguer, converser, parler un peu de notre histoire. Faire face à cette pandémie, pour nous, dirigeants, a été un peu difficile, surtout moi, qui a été opéré en mars, opéré des yeux, de l'œil droit. Dès mon arrivée, j'ai entendu dans le journal la situation de cette maladie, que beaucoup de gens mouraient.
Nous avons vite pensé à organiser notre communauté, nous avons une extension, une extension de 6 km, de la BR-156 au village de Manga. Au début de la branche se trouve le km-18, il y a un centre de formation, au km-18 il y a un poste de garde et une porte qui donne accès à notre Terre Indigène Uaçá. Au centre de formation Km-18, nous travaillons avec le CCPIO, je suis le coordonnateur du CCPIO, ce qui signifie le Conseil des chefs des peuples indigènes d'Oiapoque. Je suis également le coordinateur de l'AIKA, qui est l'Association des peuples indigènes de Karipuna. Avec cette maladie, nous avons beaucoup souffert, l'impact a été très grand au sein de la terre indigène, principalement dans mon village, Manga, qui n'est qu'à 24 km de la ville d'Oiapoque. Alors, quand le coronavirus est arrivé dans ma communauté, tout le monde était désespéré, nous avons mis en place des règles strictes au sein de notre communauté, une seule famille pouvait faire du shopping dans les magasins à l'intérieur du village, tous portant un masque ... Chaque jour nous nous rendions au Km-18, Cacique Gilberto Iaparrá et moi, avec le professeur Rosinaldo, Josieldo, Eudely, Priscila, nous avions une équipe pour agir contre le coronavirus.
De notre équipe, le premier qui est tombé malade, c'est moi. Nous étions à la maison et j'ai commencé à ressentir la grippe, une forte grippe, des douleurs thoraciques, des maux de tête, de la fièvre, mais je n'étais pas découragée, j'étais ferme et forte en regardant ma famille. J'habite avec mes grands-parents et mes grands-parents sont âgés, j'avais très peur car j'étais tous les jours au Km-18, à la barrière sanitaire que nous installions, chaque jour nous y étions, recevions des gens, avec ça nous devenions de plus en plus malades ... Ainsi, la maladie est arrivée, quelque peu critique, dans notre communauté. Je peux dire que, quand j'ai eu cette maladie, le coronavirus, j'avais vraiment fini, j'ai ressenti beaucoup de douleur dans ma tête, dans ma poitrine, j'avais le souffle court, je pensais même que j'allais mourir. Quand je me suis endormi, je ne pouvais pas dormir, je me suis assis sur le lit, j'ai prié pour que Dieu se débarrasse de cette maladie. J'ai ressenti les symptômes, mais je n'ai pas été testé tout de suite, j'ai pris des médicaments, j'ai pris du paracétamol, du nimésulide pour voir si je pouvais m'améliorer davantage ... Puis, là-bas, ça a empiré et j'ai commencé à porter un masque tous les jours pendant le Km-18, j'ai commencé à tousser près de mes partenaires là-bas, mais toujours en portant un masque, donc je ne pouvais pas le supporter et j'ai dit à Cacique Gilberto:
- Je n'en peux plus, je vais me retirer du groupe et rester à la maison car je suis très essoufflé!
Il y a eu un jour où je suis rentré à la maison dans l'après-midi et j'ai dit à ma femme que je ne pouvais plus respirer, j'étais déjà très fort, que je devais aller à l'hôpital. Puis je suis allé, le Docteur Rafael s'est occupé de moi, avec l'infirmière Jô. Il m'a vite mis en suspicion de coronavirus, je n'ai pas passé le test, je suis allé au test à Macapá. Quand je suis arrivé à Macapá, j'ai passé le test, et j'ai déjà testé la maladie après 15 jours qui avaient déjà passé les symptômes, mais ensuite j'ai beaucoup souffert, toute ma famille l'a eu, mon grand-père, ma grand-mère, Dieu merci, je ne suis pas devenu fort avec eux et nous nous sommes traités avec du thé, caferana, ail, citron, miel et tout ce qu'ils nous ont appris. Nous prenions soin de nous, mais nous n'avions pas senti ni ne goûtions la nourriture, nous ne sentions plus, j'ai perdu mon goût, j'ai perdu mon odorat, tout cela m'arrivait à l'intérieur de mon village, donc nous avons beaucoup souffert.
Peu de temps après, Cacique Gilberto était aussi mauvais, mais nous les dirigeants sont restés jusqu'à la fin, je n'abandonnerais pas chez moi, j'ai toujours encadré mon grand-père, ma grand-mère, ma femme, mes enfants en disant que cette maladie passerait, prenons des médicaments, le médicament était mauvais, très amer mais nous l'avons quand même pris, mais avec ça tout s'est amélioré et j´ai toujours dit que nous n'abandonnions pas et ne mangions pas parce que la maladie ne voulait pas que nous mangions et elle s'est affaiblie mais nous avons essayé de manger autant que nous le pouvions, sans goûter, sans sentir et c'était difficile, mon grand-père malade, ma grand-mère malade, ma femme malade et cela augmentait l'inquiétude à la maison, le désespoir mais j'ai toujours regardé la télévision, j'ai lu sur COVID comment il s'est comporté et comment nous, les peuples indigènes, devons nous comporter aussi et nous avons pris des médicaments, sommes allés à Oiapoque dans la ville et avons acheté des médicaments, puis le Dr. Rafael et ils ont passé ces remèdes qui sont de ne pas donner trop d'essoufflement, de soulager le mal de tête, la fièvre, le traitement de 5 jours que nous avons fait et qui était mauvais pour moi, vraiment mauvais, mais avec tout cela nous nous avons réussi à surmonter, donc nous les dirigeants étions devant la barrière au KM 18, pour l'instant nous y sommes. Et c'était difficile de traiter avec des proches, avec nos parents indigènes qui n'acceptaient pas et voulaient rentrer en ville et nous contrôlions, réglementé les horaires, il réglementait la sortie, l'entrée pour que personne ne puisse sortir et les critiques à notre encontre et nous pourrions l'endurer jusqu'à aujourd'hui, maintenant. A présent, grâce à Dieu, nous sommes meilleurs, mais c'était difficile, très difficile pour les gens qui sont des leaders de rester en tête, et tous les villageois voulaient aller en ville, grâce à Dieu nous avons fait plusieurs projets à travers «IEPÈ» «AMIM» en passant par «AIKA», que nous avons obtenu plusieurs aides de partenaires, de Funai. Nous avons donc réussi à minimiser le problème de quitter un peu le KM 18.
Et tout cela devenait de plus en plus difficile, chaque fois que notre équipe tombait malade, et notre équipe devenait plus petite, jusqu'à la fin c'était juste «EUDELIR» et le professeur et le professeur Rosinaldo vice-chef du Manga, ils sont donc restés jusqu'à la fin et nous avons dû nous en éloigner mais toujours en guidant notre peuple, notre communauté sur le fait que le COVID n'est pas une maladie avec laquelle on peut jouer, elle est venue pour finir tout le monde car elle ne choisit pas la classe COVID-19, riche, pauvre, classe moyenne, classe inférieure, indienne, noire, blanche, donc elle n'a pas choisi la classe, elle est venue la détruire et remercier Dieu nous, du village de Manga nous avons réussi à minimiser, les premiers cas qui se sont produits comme je l'ai dit, notre communauté était inquiète, nous avons transmis plusieurs documents, demandant le soutien du pompier, demandant l'appui du secrétaire des peuples indigènes en la personne de l'enseignant «CLINILDA», à Funai en la personne de João Vilhena, Maria Alice, qui nous a toujours très bien représentés et a réussi à envoyer médicaments pour nous, faire un nettoyage général dans les lieux publics de la communauté, il était donc difficile pour nous en tant que dirigeants de faire face à cette pandémie mais ce que je dois signaler ici, c'est que ce n'est pas facile, lorsque ce COVID est arrivé dans mon village, nous étions très désespérés, quand je l'ai pris, je ne savais pas quoi faire mais la partie psychologique de nous est fragile, et nous ne savons pas quoi faire, et nous pensons bientôt que nous allons mourir mais avec beaucoup de conseils et de regarder le journal ils ont toujours guidé et les remèdes, je peux maintenant dire avec conviction que les remèdes domiciliaire nous ont beaucoup aidés. Nous avons perdu trois personnes dans notre communauté, mais grâce à Dieu, nous avons réussi à minimiser cette maladie au sein de notre communauté, et nous travaillons avec 57 villages et ce n'est pas facile pour un chef d'arriver, une personne qui arrive demandant l'autorisation de sortir dans la ville que nous n'avons pas autorisée, malheureusement nous n'avons pas pu le faire car la situation de la maladie est très élevée ici, donc le les gens ont réussi à endurer 60 jours sans que la maladie n'entre dans le village mais quand ils sont entrés, il est venu détruire tous les proches, mais aujourd'hui nous sommes très unis et notre organisation est très triste, ce Coronavirus est très mauvais, surtout cet essoufflement qui nous a donné, quand elle m'a rattrapé elle avait juste besoin de m'étouffer beaucoup, j'ai demandé à Dieu de m'aider à surmonter et conduire mon peuple à surmonter cette maladie, et j'ai pris grand soin de moi, je me suis reposé pendant plus de 15 jours, j'étais isolé dans ma maison, juste moi et ma famille, ils ne sont sortis que pour acheter quelque chose dans le commerce qui manquait, un masque – le chef a mis en œuvre une loi dont nous ne pouvions nous sortir que si nous portions un masque, donc c'était un très mauvais moment que nous avons passé, mars, avril était vraiment difficile, mai a été très mauvais pour nous, nous avons beaucoup souffert, principalement nous, les dirigeants, moi, le chef Gilberto, le chef Rosinaldo, Eudelir, beaucoup de pression de la part de parents, mais nous étions la tête froide, élevés pour ne pas abandonner et protéger notre peuple , J'ai toujours parlé là-bas à la porte, mais avant d'avoir la maladie que mon peuple, parce que nous étions là pour les protéger, mais malheureusement, comme je l'ai dit, cette maladie n'est pas une blague, mais il est arrivé que nous soyons tombés malades, ça s'est amélioré mais la situation de notre peuple, le peuple Karipunã était difficile mais nous, les dirigeants, étions là pour combattre et défendre Galibe Marworno, Karipunã, nous avons dû prendre la décision de défendre et de protéger notre peuple contre la maladie, et parler de cette maladie est difficile, ici je rapporte ma situation et le parcours que nous vivons dans notre communauté aujourd'hui, mais nous réussissons à gagner, grâce à Dieu tout s'est bien passé, les projets, le soutien, les partenariats pour protéger le peuple et nous sommes leaders pour cela, se battre pour notre peuple, défendre autant que possible bec et ongles pour l'amélioration des peuples indigènes d'Oiapoque et en ce moment, nous essayons d'organiser la maison comme le dit le non-indigène, essayant d'articuler nos réunions pour aider notre peuple afin que nous puissions nous améliorer et avoir une bonne éducation, une santé de qualité spécifique aux peuples indigènes, et je voudrais remercier tous les chefs qui ont contribué avec nous à la barrière sanitaire au KM 18, à mon chef Joselito Je voudrais remercier qu'il était un guerrier avec nous jusqu'à la fin, lui et sa famille tomberont malades et il est parti et était responsable tout comme nous au CCPIO, alors nous le remercions. Voilà donc ce que je laisse ici mon rapport, ce dont je peux parler, c'est de cette situation que nous avons traversée pendant ces mois de pandémie et que nous essayons d'organiser, et le CCPIO est là au KM18 pour le dialogue, moi, le chef Gilberto, je suis à la disposition de tous ceux qui arrivent, nous restons fermés, nous ne permettons à personne d'entrer, seuls les peuples indigènes qui s'y rendent rapidement, avec cette règle du va-et-vient, c'est donc ce que je pourrais rapporter sur la pandémie au sein de notre communauté, le Brésil et le monde dans lequel nous sommes ces mois-ci triste et difficile mais grâce à Dieu le soutien est arrivé pour nous aider avec la sécurité alimentaire, les médicaments, le gel d'alcool, l'hygiène générale, et en tant que coordinateur du CCPIO, je ne peux que remercier les chefs qui ont réussi à contrôler dans leur village même avec une telle difficulté, et mes remerciements et un gros câlin à tout le monde!

Village Manga, Oiapoque, Amapá, Brésil
13 Août 2020

Récit reçu en audio et transcrit par Danilo Cavalcante de Souza
Traduit par Johnson Morancy

#OPETNãoPara #PetIndígena #MobilizaPET #CampusBinacional #Oiapoque #CLII #LicenciaturaIndígena #FalaParente #vidasindigenasimportam

Good afternoon everyone, my name is Dalson dos Santos, I am 35 years old, I'm from Karipuna ethnicity, I am graduated on Indigenous Intercultural Degree by Universidade Federal do Amapá. Currently, I'm post-graduating in Cultural Studies and Public Policies, also at Universidade Federal do Amapá. I'm going to talk a little about this disease which has affected the whole world. We feel some pity as we speak, we, as indigenous leadership, representing 57 villages, because we are a little sad about what happened, but we are here to talk, chat, exchange information about our history.
Facing this pandemic, for us, leaders, was a little difficult, especially me, since I had surgery in March, on my right eye. As soon as I arrived, I saw on TV about this disease, that many people were dying. We soon planned on organizing our community, we have a 6KM road access, from BR-156 to Manga village. At the beginning of it, that is, on Km–18, there's a Professional Training Center, a guardhouse and a gate that gives access to our Uaçá Indigenous Land. At Km-18 Professional Training Center, we work with CCPIO (Council of Chiefs of the Indigenous Peoples of Oiapoque), I am the CCPIO Coordinator. I am also the coordinator of AIKA, which is the Karipuna Indigenous People's Association.
This disease has made us suffer a lot, it made a huge impact within the indigenous land, mainly in my village, Manga, which is only 24 km from the city of Oiapoque. So, when coronavirus reached in my community, everyone got desperate, we quickly set up strict rules in our community, only one family was allowed to go shopping in the stores inside the village, always wearing a mask ... Every day we went to Km-18, Cacique Gilberto Iaparrá and I, along with Professor Rosinaldo, Josieldo, Eudely, Priscila,we also had a team to act against the coronavirus.
From our team, the first one who got sick was me. We were at home and I started to feel the flu, a strong flu, a chest pain, headache, fever, but I didn't freak out, I stood my ground so I could keep taking care of my family. I live with my grandparents and my grandparents are elderly, I was very concerned because every day I went to Km-18, to the sanitary barrier that we had set up, we were there every day, receiving people, and that way we got sick more and more...
Thus, the disease arrived, somewhat critical, in our community. I can say that when I got this disease, the coronavirus, I got really down, I felt a lot of pain in my head, in my chest, I felt short of breath, I even thought I was going to die. When I went to bed, I couldn't sleep. I'd sit on the bed and pray for God to get rid of this disease. I felt the symptoms, but I didn't get tested right away, I took medication, I took paracetamol, also nimesulide to see if I got better ... Then, it just got worse and worse, and still I went to the sanitary barrier every day with a mask, I started coughing near my partners there, but always wearing a mask, then I couldn't stand it anymore so I told Chief Gilberto:
- I can't take it anymore, I'm gonna leave the group and stay at home because I'm very short of breath!
There was a day when I got home in the afternoon and I told my wife that I couldn't take the breathing shortness anymore, it was already hitting me too strong. I needed to go to the hospital. Then I went, Doctor Rafael was who assisted me, along with Jô, the nurse. Right away he put me on suspicion of coronavirus, I wasn't tested, I went to Macapá to be tested. When I arrived in Macapá I finally got tested, and tested positive for the disease, 15 days after my symptoms had gone. but then I suffered a lot, because my whole family got ill. My grandfather, my grandmother as well. Thank God it didn't get them so strong, we treated each other with tea, caferana, garlic, lemon, honey and everything they taught us. We took care of ourselves, but we no longer felt either the taste of the food, nor the smell, I lost my taste, I lost my sense of smell, all of this was happening to me inside my village, so we suffered a lot.
Soon after, Cacique Gilberto also got bad but us, the leaders, worked at the barrier until the end. I would never give up on people at home, I always instructed my grandmother, my grandfather, my wife, my children saying that this disease would go away. "Let's take medicine" even though the medicine tasted badly, bitter, but we still took it. Soon, we got better and I always told them not to give up and eat because the disease made us eat little. Every time we tried to eat a little more than we could, without tasting, without smelling and it was difficult. My grandparents were, my wife was sick and with that the concerning increased at home, the despair increased, but I always watched television, read about COVID and how it behaves, how we, indigenous people, have to behave too.
We took medicines, we went to Oiapoque and bought medicines, then we went to see Dr. Rafael and he prescribed those medicines, which are meant to soothe breathing shortness, to relieve the headache, the fever, a whole 5-day on treatment, and that was bad for me, really bad. Even though, we managed to overcome it, so we, the leaders, were the front line in the barrier on KM 18, so far, we are there. And it was difficult to deal with our kind, with our indigenous relatives who did not accept the isolation and wanted to return to the city, but we controlled, we monitored the hours of people in and out the village, we monitored the exit, the entry so no one would scape. They criticized us, but we were always there holding on until now. Now, thanks God we are better, but it was difficult, very difficult for people who are leaders to stay ahead, when all the villages wanted to go to the city, thanks God we could make several projects by "IEPÊ" "AMIM" by "AIKA". We got several helps from partners, from FUNAI.
So, we managed to minimize the issue on leaving the KM 18 a little. Still it became more and more difficult handle, our whole team started to get sick, so the team got smaller, until there was only "EUDELIR" and the teacher Rosinaldo, vice chief of Manga. They worked until the end and we had to leave the team, but always guiding our people, our community that COVID is not a disease to play with, it came to put everyone to death, because it doesn't choose from rich, poor, middle class, low class, indigenous, black, white and so on. Its goal is destroying everybody. But thanks God the community of Manga village managed to minimize it.
Along with the first cases that happened, as I said, our community got worried. We forwarded several documents, asking for support from the fireman, asking for support from the Indigenous Peoples' Office, by teacher "CLINILDA", also from FUNAI by João Vilhena and Maria Alice, who always represented us very well and managed to send us medicines, send us support to do a general cleaning in the community's public spaces. So, it was difficult for us alone, leaders, to face this pandemic, when this COVID arrived in my village, we were very desperate, when I got sick as well, because I didn't know what to do. Our psychological condition is fragile, and we don't know what to do, and we soon think that we're going to die, but with a lot of guidance and watching the newspaper and taking the medicines, we get better. I am also certain that our traditional remedies have helped us a lot.
We lost three people in our community, but thanks God we managed to soothe this disease in our community. We work with 57 villages and it is not easy for a chief to deal, when a person asks for permission to travel to the city and, unfortunately, we can't authorize. We couldn't authorize them because of disease's circulation. Then we could keep 60 days without the disease entering the village but when it got in, it came to destroy all of us.
Today we are very united and organized, but it's very sad, this Coronavirus is cruel, especially this shortness of breath. When it caught me, it made me suffocate a lot, I asked God to help me to overcome and lead my people to overcome this illness. I took care of myself a lot, I had to rest for over 15 days. I was isolated in my house, just me and my family. We only went out to buy something in the store that was missing at home, wearing a mask - the Chief made a law that we could only go out of if we were wearing a mask, so it was really bad that time we spent. March and April were really hard months for us, May was really bad as well, we suffered a lot, especially us leadership, me, chief Gilberto, chief Rosinaldo, Eudelir. There was a lot of pressure from relatives, but we were cold blooded and head held up so that we would not give up and protect our people. I always said I'd rather catch the disease than let my people get sick, because we were there to protect them. Unfortunately, as I said, this disease is no joke. We got sick and we recovered but the situation of our people, the Karipunã people, was difficult. We, leaders, were there to fight and defend the Galibe Marworno, the Karipunã. We had to make the decision to prevent and protect our people from the disease, and talking about this disease is difficult.
Hereby, I report my situation and the battle we are living in our community today, but we are able to win. Thanks God everything went well, the projects, the support, the partnerships to protect the people. That's why we are leaders, to fight for our people, to fight tooth and nail for the improvement of indigenous peoples from Oiapoque. At this moment we are trying to put the house in order, as the non-indigenous say, by trying to organize our meetings, to help our people improve and have a good education a good health system focused on the indigenous peoples' needs. I would like to thank all the chiefs who contributed to us in the sanitary barrier at KM 18, to my Chief Joselito I would like to thank that he was a warrior with us until the end, he and his family got sick and he had to leave the team but he still was responsible, just like us from CCPIO, so we thank you.
So, I leave here my report, what I can tell about this situation is that we went through it, in these pandemic months and we are trying now to reorganize. The CCPIO is still there in KM18 open for dialogue. Chief Gilberto and I, we are available to anyone who arrives. I mean, we remain closed, we do not allow anyone to enter, we permit only the indigenous people to go the city quickly, with that same rule of coming and going fast. So, this is what I could report about the pandemic that reached our community. In Brazil and the around world, we're living these months with sadness and difficulty, but thank God the support arrived for us to help with food, security, medicines, alcohol in gel, general hygiene products and so on. And as CCPIO coordinator, I can only thank the Chiefs who succeeded on controlling your villages, regardless of it being such a difficult work, and my thanks and a hug to everyone else!

Manga Village, Oiapoque, Amapá, Brazil.
August 13th, 2020.

Report received in audio and transcribed by Danilo Cavalcante de Souza.
Translated by Ydoreh Gomes Borges.

#OPETNãoPara #PetIndígena #MobilizaPET #CampusBinacional #Oiapoque #CLII #LicenciaturaIndígena #FalaParente #vidasindigenasimportam

Buenas tardes a todos, mi nombre es Dalson dos Santos, tengo 35 años, soy de la etnia Karipuna, soy egresado de la Universidad Federal de Amapá en el Curso de Licenciatura Intercultural Indígena, ahora estoy haciendo estudios de posgrado, también en la Universidad Federal de Amapá, en el Curso de Estudios Culturales y Políticas Públicas. Les voy a hablar un poco de esta enfermedad que ha afectado a todo el mundo y lamentamos un poco hablar, nosotros, como líderes indígenas, representamos a 57 pueblos, estamos un poco tristes por lo que pasó, pero estamos aquí para dialogar, conversar, hablar un poco de nuestra historia.
Enfrentar esta pandemia, para nosotros, los líderes, fue un poco difícil, especialmente para mí, que me operaron en el mes de marzo, una cirugía ocular, del ojo del lado derecho. Nada más llegar escuché en el periódico la situación de esta enfermedad, que se estaba muriendo mucha gente. Pronto pensamos en organizar nuestra comunidad, tenemos una extensión, una extensión de 6 KM, desde la BR-156 hasta la Aldea de Manga. El inicio del ramal está el Km-18, allí hay un Centro de Capacitación, en el Km-18 hay una caseta de vigilancia y una puerta que da acceso a nuestra Tierra Indígena Uaçá. En el Centro de Capacitación Km-18 trabajamos con CCPIO, soy Coordinadora del CCPIO, que significa Consejo de Caciques de los Pueblos Indígenas de Oiapoque. También soy el coordinador de AIKA, que es la Asociación del Pueblo Indígena Karipuna.
Con esta enfermedad sufrimos mucho, el impacto fue muy grande dentro de la tierra indígena, principalmente en mi aldea, Manga, que está a solo 24 km de la ciudad de Oiapoque. Entonces, cuando el coronavirus llegó a mi comunidad todos estaban desesperados, rápidamente establecimos reglas estrictas dentro de nuestra comunidad, solo podía ir una familia para hacer compras en las tiendas dentro del pueblo, todos con máscara... Todos los días íbamos al Km-18, el Cacique Gilberto Iaparrá y yo, junto al profesor Rosinaldo, Josieldo, Eudely, Priscila, teníamos un equipo para actuar contra el coronavirus.
De nuestro equipo, el primero que se enfermó fui yo. Estábamos en casa y empecé a sentir una gripe, una gripe fuerte, ese dolor de pecho, dolor de cabeza, fiebre, pero no me desanimé, estaba firme y fuerte mirando a mi familia. Vivo con mis abuelos y mis abuelos son ancianos, tenía mucho miedo porque estaba todos los días en el Km-18, en la barrera sanitaria que levantamos, todos los días estábamos allí, recibía a las personas, con eso nos enfermábamos cada vez más...
La enfermedad llegó así, un poco crítica, a nuestra comunidad. Puedo decir que cuando me enfermé, de coronavirus, estaba realmente acabado, sentía mucho dolor de cabeza, en el pecho, me faltaba el aire, hasta pensé que me iba a morir. Cuando me fui a dormir no podía dormir, me quedaba sentado en la cama, rezaba para que Dios se librara de esta enfermedad. Sentí los síntomas, pero no me hice la prueba enseguida, tomé medicación, tomé paracetamol, nimesulida para ver si mejoraba... Luego, en eso, fue cada vez empeorando en mí y yo iba todos los días con tapabocas para el Km. -18, comencé a toser cerca de mis compañeros allá, pero siempre con máscara, luego no lo soportaba y le dije al Cacique Gilberto:
- No aguanto más, me voy a retirar del grupo y me quedaré en casa porque me falta mucho el aliento.
Hubo un día en que llegué a casa por la tarde y le dije a mi esposa que ya no podía respirar más, que ya era muy fuerte, que necesitaba ir al hospital. Luego fui, me atendió el doctor Rafael, junto con la enfermera Jô. Pronto me puso bajo sospecha de coronavirus, no me hice la prueba, fui a hacerme la prueba en Macapá. Cuando llegué a Macapá me hice la prueba, y confirmé la enfermedad después de 15 días que ya habían pasado los síntomas, pero luego sufrí mucho, toda mi familia la tomó, mi abuelo, mi abuela, gracias a Dios no la pasaron tan mal y nos fuimos tratando con té, caferana, ajo, limón, miel y todo lo que nos enseñaron. Nos cuidamos pero ya no sentíamos el gusto de la comida, ni el olor, perdí el gusto, perdí el olfato, todo eso me pasaba dentro de mi pueblo, así que sufrimos mucho.
Poco después el Cacique Gilberto también la pasó mal, pero los líderes nos quedamos hasta el final, no me rendiría en mi casa, siempre orientando a mi abuelo, mi abuela, mi esposa, mis hijos diciéndoles que esta enfermedad pasaría, tomemos la medicina, la medicina tenía un mal sabor, muy amargo pero igual lo tomamos, pero con eso todo fue mejorando y siempre decía que no nos rindiéramos y comiéramos porque la enfermedad no quería que nos alimentáramos y cada vez estábamos más débiles pero intentamos comer lo que pudimos, sin saborear, sin oler y fue difícil, mi abuelo enferma, mi abuela enferma, mi esposa enferma, eso fue aumentando la preocupación en casa, la desesperación, pero yo siempre veía televisión, leía sobre COVID como se portaba y cómo los indígenas tenemos que comportarnos también y tomamos remedios, íbamos a Oiapoque en la ciudad y compraba medicinas, luego el Dr. Rafael fue al médico y nos pasaron esas medicinas, que son para no dar mucho falta de aire , para aliviar el dolor de cabeza, la fiebre, el tratamiento de 5 días que hicimos fue malo para mí, realmente malo, pero con todo esto logramos superarlo, así que los líderes estábamos al frente de la barrera allí en el KM 18, hasta ahora estamos ahí. Y fue difícil lidiar con los familiares, con nuestros familiares indígenas que no aceptaban y querían regresar a la ciudad y nosotros los controlábamos, regulábamos los horarios, regulábamos la salida, la entrada para que nadie salga y las críticas a nosotros y a nosotros allá aguantando hasta hoy, ahora mismo. Ahora gracias a Dios estamos mejor, pero era difícil, muy difícil para las personas que son líderes mantenerse al frente, y todos los pueblos querían ir a la ciudad, gracias a Dios hicimos varios proyectos por "IEPÊ" "AMIM" para "AIKA", por los que contamos con varias ayudas de socios, de Funai. Así logramos minimizar un poco el tema de salir del KM 18. Y todo eso fue haciéndose difícil, cada vez más difícil y cada uno de nuestros equipos enfermándose, y nuestro equipo fue disminuyendo, hasta que al final solo quedó "EUDELIR" y el profesor y catedrático Rosinaldo vice cacique de Manga, así que se quedaron hasta el final y tuvimos que alejarnos pero siempre guiando a nuestra gente, a nuestra comunidad que el COVID no es una enfermedad para jugar, llegó a acabar con todos porque ella no elige clase, rico, pobre, clase media, clase baja, indio, negro, blanco, no eligió clase, vino a destruir y gracias a Dios nosotros, de la aldea Manga logramos minimizar, los primeros casos que sucedieron como dije, nuestra comunidad estaba preocupada, enviamos varios documentos pidiendo apoyo a los bomberos, pidiendo apoyo a la secretaría de pueblos indígenas en nombre de la profesora "CLINILDA", en Funai en nombre de João Vilhena, María Alice, que siempre nos representó muy bien y logró enviarnos medicinas, se hizo una limpieza general en lugares públicos de la comunidad, por lo que fue difícil para nosotros, el liderazgo enfrentar esta pandemia, pero lo que tengo que informar aquí es que no es fácil, cuando este COVID llegó a mi aldea, estábamos muy desesperados, cuando lo atrapé, no sabía qué hacer, la parte psicológica de nosotros es frágil, y no sabíamos qué hacer, y pronto pensábamos que íbamos a morir pero con mucha orientación y mirando el periódico que siempre nos orientó y los remedios, ahora puedo hablar con convicción de que los remedios caseros nos ayudaron mucho. Perdimos a tres personas de nuestra comunidad, pero gracias a Dios logramos minimizar esta enfermedad dentro de nuestra comunidad, y trabajamos con 57 aldeas y no es fácil que un cacique, que llegue una persona pidiendo permiso para salir a la ciudad y no autorizarlo, lamentablemente no podíamos hacerlo porque la situación de la enfermedad aquí era muy alta, así que logramos aguantar 60 días sin que la enfermedad entrará al pueblo pero cuando entró, entró para destrozar todo, a los familiares, pero hoy estamos muy unidos en nuestra organización pero es muy triste, este Coronavirus es muy malo, sobre todo esta falta de aire que da a las personas, cuando ella me atrapó solo necesitaba asfixiarme mucho, pedía a Dios que me ayudara a superar y llevar a mi pueblo a superar esta enfermedad, y me cuidé mucho, estuve en reposo por más de 15 días, estuve aislado en mi casa, solo yo y mi familia solo salía a comprar algo en la tienda que faltaba, una máscara - el Cacique implementó una ley que solo podíamos salir si usábamos un tapabocas, entonces ese tiempo la pasamos muy mal, marzo, abril fue muy duro, mayo fue muy malo para nosotros, sufrimos mucho, principalmente nosotros en la dirección, yo, el Cacique Gilberto, el Cacique Rosinaldo, Eudelir, mucha presión de los familiares, pero estábamos con cabeza fría, levantada para no nos rendimos y proteger a nuestro pueblo, siempre hablé ahí en la puerta pero antes de que me contagiara la enfermedad de mi gente, porque estábamos ahí para protegerlos pero lamentablemente, como dije, esta enfermedad no es una broma, pero sucedió y nos enfermamos, mejoró pero la situación de nuestro pueblo, el pueblo de Karipunã era difícil. Pero nosotros los líderes estábamos ahí para luchar y defender a los Galibe Marworno, Karipunã, teníamos que tomar la decisión de defender y proteger a nuestro pueblo de la enfermedad, y hablar de esta enfermedad es difícil, aquí les informo mi situación y este camino que estamos viviendo hoy en nuestra comunidad, pero estamos logrando ganar, gracias a Dios todo salió bien, los proyectos, el apoyo, las alianzas para proteger a la gente y los líderes estamos para eso, para luchar por nuestro pueblo, para defender de todas las formas posibles con uñas y dientes por el mejoramiento de los pueblos indígenas de Oiapoque y en este momento estamos tratando de organizar la casa como dicen los no indígena, tratando de organizar nuestras reuniones para ayudar a nuestra gente para que podamos mejorar y tener una buena educación, una salud de calidad específica para los indígenas, y agradecer a todos los caciques que contribuyeron con nosotros en la barrera sanitaria en el KM 18, a mi Cacique Joselito le agradezco que fue un guerrero con nosotros hasta el final, él y su familia se enfermaron y se fue y fue responsable como nosotros en CCPIO, así que le agradecemos. Así que esto es lo que dejo aquí en mi informe, de lo que puedo hablar es de esta situación por la que pasamos en estos meses de pandemia y estamos tratando de organizarnos, y la CCPIO está ahí en KM18 para dialogar, yo, el Cacique Gilberto, estoy disponible para todos los que llegan, continuamos cerrados, no dejamos entrar a nadie, solo a los indígenas que van allí en la ciudad rápido, con esa regla de ir y venir, así que esto es lo que puedo relatar sobre la pandemia que dentro de nuestra comunidad, en Brasil y el mundo estos meses fueron tristes y difíciles pero gracias a Dios nos llegó el apoyo para ayudar con seguridad alimentaria, medicinas, alcohol en gel, higiene general, y como coordinadora de CCPIO solo puedo agradecer a los Caciques que lograron controlar en sus aldeas aun con tanta dificultad, y mi agradecimiento y un gran abrazo a todos!

Aldeia Manga, Oiapoque, Amapá, Brasil
13 de agosto de 2020

Relato recibido en audio y transcrito por Danilo Cavalcante de Souza
Traducido por Nelson Omar Arellano Parra.

#OPETNãoPara #PetIndígena #MobilizaPET #CampusBinacional #Oiapoque #CLII #LicenciaturaIndígena #FalaParente #vidasindigenasimportam

PET
INDÍGENA

👍😢 67 · 4 comentários · 61 compartilhamentos